

Indústria empaca em outubro e tem cenário nebuloso

Economistas mostram dúvidas sobre sustentabilidade da atividade no médio prazo; setor tem segunda queda seguida de 0,2%

Por **Marsílea Gombata**, **Lucianne Carneiro** e **Alessandra Saraiva** — De São Paulo e do Rio

05/12/2024 05h00 · Atualizado há 55 minutos

Apesar da leve queda em outubro, a indústria brasileira teve desempenho positivo em 2024, apontam especialistas. O cenário à frente, no entanto, é visto com cautela: há dúvidas sobre a sustentabilidade do comportamento favorável da produção industrial no médio prazo.

Após dois meses seguidos de alta, a produção da indústria brasileira caiu 0,2% em outubro em relação a setembro, de acordo com a Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física (PIM-PF), divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O desempenho ficou abaixo da mediana das estimativas de instituições financeiras e consultorias ouvidas pelo Valor Data, de estabilidade, e dentro do intervalo das projeções (recoo de 0,7% a alta de 0,7%).

Frente a outubro do ano passado, a produção industrial subiu 5,8% em outubro. Por essa base de comparação, a expectativa mediana do mercado era de alta de 5,9%.

Nos 12 meses até outubro, a indústria acumula crescimento de 3%. De janeiro a outubro, a alta é de 3,4%. Com esses resultados, a produção industrial se encontra 2,6% acima do patamar pré-pandemia, de fevereiro de 2020, mas 14,4% abaixo do nível recorde de maio de 2011.

A queda de outubro foi concentrada em bens semi e não duráveis - com peso de 25% no setor - e em seis dos 25 ramos industriais pesquisados. Das seis atividades em queda, a principal influência negativa veio de coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (-2%).

Três das quatro grandes categorias do setor industrial pesquisadas pelo IBGE tiveram alta na atividade em outubro ante setembro: bens de capital (1,6%), bens intermediários (0,4%), bens duráveis (4,4%). A categoria de bens semi e não duráveis, por sua vez, teve retração (-0,7%).

A queda de 1,1% na produção de bebidas e também de derivados de petróleo e biocombustíveis explica a desaceleração da indústria em outubro, afirma João Leme, economista da **Tendências** Consultoria. “Então, mesmo que a maior parte dos setores estivesse em uma situação melhor, a produção desses dois acabou puxando um pouco para baixo”, afirma.

“Em bebidas, também vale destacar o desempenho da produção de açúcar e de etanol, que no mês de outubro ficou um pouco mais baixa do que se esperava, o que acabou justificando esse resultado.”

As chuvas mais intensas na segunda quinzena de outubro prejudicaram o processamento de cana-de-açúcar e afetaram a produção de álcool e açúcar no mês, afirmou André Macedo, gerente do IBGE responsável pela PIM-PF. “Isso impactou no processamento da cana-de-açúcar, o que afeta álcool e açúcar”, disse.

Apesar do recoo na passagem de setembro para outubro, a perspectiva para o trimestre não parece ruim, afirma Luis Otávio Leal, economista-chefe da G5 Partners.

“Mesmo que a produção apresente variações mensais nulas em novembro e dezembro, a indústria crescerá 0,6% no quarto trimestre”, diz Leal, em relatório enviado a clientes.

“De todo modo, seria uma desaceleração com relação ao crescimento de 1,4% verificado no terceiro trimestre, em linha com a nossa visão de nerda de imneta da atividade econômica no último trimestre ano.”

“

A indústria, depois de muito tempo, está tendo um ano positivo”

— Sérgio Vale

Em nota a clientes, a Kinitro Capital também afirma que, apesar de a produção industrial ter vindo pior que o esperado no mês, “a abertura mostra que o dado não deve ser avaliado como ruim”, já que houve crescimento disseminado entre os setores.

O resultado de outubro deixa um carregamento estatístico de 2,9% para 2024, afirma Stéfano Pacini, economista do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas (FGV Ibre).

“Para o fim do ano, dificilmente a indústria não crescerá”, afirma. “Sua produção precisaria cair bastante para reverter essa alta que temos até outubro.”

Apesar do bom desempenho da produção industrial no ano, há dúvidas sobre a sustentabilidade desse cenário, afirma Sérgio Vale, economista da consultoria MB Associados.

“A indústria, depois de muito tempo, está tendo um ano positivo. Vemos um crescimento de uma magnitude que há muito não se via. Agora, a questão é se esse crescimento se mantém.”

“Será um quarto trimestre marcado por efeito de juros [mais altos], mercado de trabalho que começa a chegar num ponto de mínimo de desemprego e máximo crescimento de ocupação, e os efeitos também do que aconteceu agora em novembro em relação à discussão fiscal, que pode começar a afetar um pouco o investimento já em dezembro.”

O ano que vem, afirma, traz preocupações ainda maiores.

“Quanto dessa indústria que está crescendo conseguirá se manter nesse patamar a partir de 2025, com juros mais elevados e pressão cambial, que afeta especialmente a indústria dependente de insumos importados? É uma indústria que tem desafios para 2025”, diz. “Será difícil replicar esse forte crescimento que vimos agora.”

Leme lembra que, depois de um 2024 em que a produção industrial deve crescer 3,3%, impulsionada por valorização do salário mínimo, bom desempenho do mercado de trabalho, maior oferta de crédito para pessoas físicas, relativa atenuação da inflação e impulso fiscal, em 2025 a história será outra.

Ainda que exista a perspectiva de efeito defasado da construção civil, após lançamentos do Minha Casa, Minha Vida, retomada do PAC e o impulso parafiscal via FGTS, a perspectiva de juros elevados por mais tempo, desvalorização cambial e riscos externos, como reajuste de tarifas pelos Estados Unidos sob o novo governo de Donald Trump, são riscos reais para o setor no médio prazo.

No PIB do terceiro trimestre, divulgado na terça-feira (3), a indústria cresceu 0,6% em relação aos três meses anteriores. O único segmento que apresentou avanço, porém, foi o da indústria de transformação, com alta de 1,3%. O desempenho foi puxado pela alta taxa de investimento e pelo consumo das famílias. Economistas alertam, contudo, que a tendência é de desaceleração pela expectativa de política monetária mais apertada e menos estímulos fiscais.